JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS

Em Ovar, semestre . . . . . 500 réis
Com estampilha . . . . . 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio avulso . . . . . 20 »

DIRECTOR E PROPRIETARIO
AUGUSTO DA COSTA E PINHO
Redacção e administração — LARGO DA PRAÇA — Ovar
Impressão e composição — TYPOGRAPHIA PENINSULAR
Rua de S. Chrispim, 18 a 28—PORTO

PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal. . . . . 60 rs. cada linha
Annuncios e communicados . . 50 » »
Repetições . . . . . 25 » »
Annuncios permanentes, contracto especial
25 p c. de abatimento aos snrs. assignantes

ELEIÇÕES MUNICIPAES

A dois dias, por assim dizer, das eleições municipaes, e em todos os arraiaes politicos nota-se a mais completa apathia.

A imprensa local parece participar d'esta inercia dos partidos.

Ha tempos aventou a «Discussão», a ideia da organisação d'uma *lista da villa*, salientando bem a circumstancia, de que essa ideia era puramente pessoal, e alheiada por completo de qualquer compromisso do partido regenerador.

Esse balão d'ensaio desfez-se com a facilidade das bolas de sabão, ao que parece, pois até hoje não conseguiu proselitos e de maravilhas os conseguirá.

Os partidos politicos de preponderancia não abdicarão decerto dos direitos, que lhe dão o seu predominio.

E mesmo a organisar-se uma lista ecliptica de todas as facções, denominar-se *da villa*, seria desconsiderar o resto de todo o concelho.

Nem só a população da villa constituem os municipes, e todos estes ou sejam da villa, ou sejam das aldeias tem direito a escolher os seus administradores. prevalecendo o voto da maioria.

E onde está esta?

De certo que não é na villa.

E a parte sensata da villa repudiaria a ideia de querer impôr-se á maioria do concelho, no que procederia com a maior sensatez.

*

E' certo que vamos ter eleições, mas quaes os partidos combatentes?

O partido republicano local diz pelo seu orgão a «Patria» e pela pena d'um dos seus graduados membros, que se desinteressa da eleição, porque os municipios são uns subordinados do ministerio do reino.

Já assim não entendem os seus correligionarios de Lisboa.

Mas não podemos deixar de concordar, que aos corpos administrativos foram cerceadas as regalias de independencia de administração, centralisando-se todas as funcções no poder central.

Mas esse facto que vexa sobremaneira os concelhos, não deve por forma alguma levar-nos ao desanimo de não procurarmos administradores que melhores garantias nos dêem d'uma administração proba, honrada e proficua.

Estranha o illustre collega o confronto e a forma como no extrangeiro se fazem *meetings* e *placards*.

Isso faz-se nos grandes centros em que os eleitores não conhecem os candidatos a edis municipaes, e assim estes necessitam de apresentar-se ao povo, expondo-lhe o programma da sua administração e dando-lhe provas do cumprimento dos seus processos eleitoraes.

Mas querer comparar Londres, Paris, Berlim, Zurich e outras cidades com o nosso Ovar é escarnecer de nós mesmo.

O nosso concelho é um meio infinitamente pequeno, não sendo mais do que uma rua d'uma d'essas grandes cidades.

Aqui todos se conhecem, não se necessita de *placards* de *meetings* para se fazerem apresentações de pessoas ou de programmas

As pessoas são bem conhecidas.

O programma para administrar um municipio que tem reditos pequenos, que chegam com difficuldade apenas para occorrer ás necessidades diarias e mais urgentes, não carece tambem de ser elaborado, quanto mais de ser discutido em comicios.

O que os povos dos concelhos querem é que se administre com probidade dentro dos limites dos recursos existentes, e sem aggravamento de impostos.

MAX NORDAU E A IMPRENSA

TRECHOS DAS MENTIRAS CONVENCIONAES

Será por ventura justificada a acção da imprensa?

O redactor d'uma folha, tem na verdade um mandato valioso para aggredir deante de cem mil leitores o governo, para guiar a opinião e lançal-a n'um caminho, mais ou menos bom apparentemente, mas que pode ser desastroso?

Eis-nos em presença d'uma das mais estranhas contradicções da civilisação actual. As idéas modernas revoltam-se contra toda a auctoridade, que não seja concedida pelo povo.

Até nas monarchias se limita o poder do rei pela vontade dos eleitores.

O ministerio deve o chefe do Estado nomeal-o, mas por assim dizer indica-o o parlamento, cujo appoio se não dispensa.

O deputado tem de captar os votos, que o elegem.

E o jornalista, que exerce um poder igual na pratica ao do legislador, e do governo, goza os direitos dos ministros e dos deputados, todavia não tem necessidade de ser nomeado, nem eleito por ninguem, é o jornalista a unica auctoridade no Estado, que não carece de nenhuma confirmação; por si mesmo se faz o que é, e pode exercer a sua industria como lhe approuver, sem que de nenhum modo seja responsavel pelos excessos ou graves erros, que commette.

Não me apodem de exagerado; mas a verdade é que os jornalistas levianos, ou sem consciencia, teem preparado e dado causa a revoluções e guerras, e attrahiram para o seu paiz, ou para nações estranhas, a devastação e a desgraça.

Se fossem reis, seriam expulsos ministros, seriam processados, jornalistas, ficam tranquillos,e são os unicos, que sahem sem damno nem prejuizo da ruina real, que só elles occasionaram.

Não é espantoso, que se tolere semelhante poder arbitrario, semelhante despotismo, sem a mais ligeira tentativa de revolta, ao passo que apaixonadamente se combate contra todas as tyrannias?

Não é menos anormal a situação se, pondo de lado a acção politica da imprensa, nos restringirmos á social. O juiz a quem outorgamos o direito de dispôr como senhor absoluto da nossa honra, da nossa fortuna e liberdade, precisa de um longo curso, de um tirocinio de alguns annos e d'uma nomeação em regra: está sujeito a leis severas, os seus erros, ou as suas transgressões são immediatamente censurados, e na maioria dos casos reparados=(*oxalá que assim fosse.*)

O jornalista póde lezar e até aniquilar a honra e a fortuna de um cidadão; pode atacar a liberdade pessoal, tornando-lhe impossivel a residencia n'uma dada localidade, e exerce um direito de punir, sem estudos que a isso o habilitem, sem ninguem o investir de taes funcções, sem que offereça um penhor de imparcialidade ou de consciencioso exame.

Ha quem sustente, que a imprensa cura as feridas, que faz, e que o cidadão está defendido pela lei contra ella, mas este asserto appoia-se n'uma base bem fragil.

Um ataque em jornal contra um particular, pode causar-lhe damnos irreparaveis As rectificações e retratações não o satisfazem plenamente, porque muitos leitores ha, que tendo lido o ataque, não leram depois a defeza, que só passados alguns dias vem publicada no mesmo jornal, muitos outros não a leem porque lhes agrada a má opinião, que formaram, e neste caso a honra offendida ficará sempre com mácula, sem reparo.

O mesmo acontece com qualquer processo intentado contra um jornal.

Tem estes meios de atormentar um sujeito sem incorrer em materia criminavel, e quando seja comdemnado, em geral a pena não é proporcionada ao delicto.

Esta situação explica o facto de não só todos os reaccionarios, mas até muitos liberaes serem inimigos confessos ou secretos da imprensa.

A maior parte das pessoas reconhecem, que esta não é necessariamente a expressão da opinião publica, á qual se subordinam, mas o producto muitas vezes da ignorancia, da leviandade e da malvadez, e sem duvida todos concorrem para a mentira, que consiste em ver na imprensa o orgão legitimo da opinião publica, identificando-as.

Como poderemos substituir esta mentira por uma verdade? Como evitar que usurpadores se apossem d'um poder que só deve ser exercido por esses a quem haja sido delegado expressamente?

Eis uma das mais graves questões da actualidade, e que os governos em vão procuram resolver.

Sem duvida ha um meio facil de obviar a esses males, é restringir a liberdade da imprensa= mas esse meio não conduz ao fim que realmente se deve ter em mira=accrescendo o ser immoral, porque substitue o arbitrio do jornalista por outro, o do empregado judicial, ou administrativo.

As leis restrictivas da liberdade da imprensa só servem para favorecerem a hypocrisia, e a mentira universaes, obstando a que se exprima francamente tudo quanto se pensa.

Comtudo o Estado tem o direito de prohibir que um qualquer individuo falle em nome de todos, dando assim a umas ideas pessoaes o alcance e a importancia, que de nenhum modo lhe pertencem.

(Acho pouco exacta esta observação do auctor)

Dias virão em que todos os leitores serão bastante cultos e capazes de raciocinarem para de persi distinguirem entre a falsa e a verdadeira opinião de um paiz.»

N'esse tempo lêr-se hão apenas os jornaes, sinceros orgãos dos sentimentos publicos, e despresar-se-hão aquelles em que um vaidoso se comprara nas suas parolices.

Então só terão importancia os jornalistas, a quem o povo, pelas

O FIRMAMENTO DO SNR. THEOPHILO

V

Cahos busca o triumpho em mil azares
Na repulsão da onda refulgente:
Cria Cosmos os nucleos seculares
Que vem ligar a Nebulose ingente,
Que se alastra nos ares.
Cahos ataca a creação sublime,
A vibração electrica lhe imprime
E a thermica expansão, forças dispares.

Da Nebulose a convulsão fremente
O espaço alastra com milhões d'estrellas,
D'esse pó sideral resplandecente;
Formando á via-lactea a curva, fel-as
De um brilho albi-nitente,
Cosmos á lei de rotação submette
Os corpos fragmentados e repete
Como centros as constellações bellas.

Encheu-se o espaço d'um eterno dia,
E da harmonia ignota das espheras;
Mas Cahos já redobra d'ousadia,
Accumulando as cóleras mais feras
Na lucta proseguia:
Desprende d'esses soes, tumultuarias
Incandescentes massas planetarias
Perdidas na amplidão obscura e fria.

Já Cosmos tira força d'essa ruina,
E pela acção da gravidade, immensa,
As detem, de um reflexo as illumina
E pela rotação forte as condensa.
Mas Cahos imagina
Uma invensivel traça, uma das suas...
Que se quebrem em numerosas luas
Anneis equatoriaes da crusta densa.

Cosmos com mais audacia continûa
Na construcção do esplendido universo:
Das incoersiveis forças uma a uma
Com que o combate aquelle irmão adverso
Não regeita nenhuma!
Do electrico fluido se apodera,
Do calor e da luz, e n'elles gera
Novo equilibrio em que anda agora immerso.

Os elementos chimicos se alliam,
Como fizera em sideraes systemas:
Combinações organicas se criam
Realisando outras formas, outros themas,
Que a vida presagiam.
Oh! Visão inaudita de Materia!
Como da extrema *dissociação* etherea
Consciencia e Vida são fórmas supremas!

Cahos um golpe certo comprehende,
E imprime-lhe a mortal caducidade;
Mas contra esse defeito que desprende
O equilibrio vital em curta idade,
Cosmos já se defende:
Soube fixar-lhe o impulso hereditario;
Da menor resistencia o curso vario
O põe em busca pela immensidade!

(Continúa).

Theophilo Braga.

Basta por hoje.

Quiz o Snr. Theophilo descrever e poetisar o jogo das forças phisicas na formação do universo, e parece incrivel, que não visse como a descripção lhe sahio uma longa serie de desconchavos, uma parolagem grotesca.—O Snr. Theophilo aqui excede Chapelaine e o auctor da Pedreida. E que versos!

Almeida e Medeiros.

suas qualidades d'espirito e de caracter, reconheça o direito, de propaganda, de critica, e d'ensino =os outros, quando se arroguem esse direito, desperterão apenas o riso=(Esses tempos já vão chegando).

Emquanto se espera, que a instrucção e a capacidade de raciocinio se elevem em todos a essa altura ideal, necessaria é a intervenção da lei algum tanto protectora=que, todavia, nunca deve restringir a publicação dos livros, folhetos. cartazes, e *folhas avulsas*, em que os escriptores se apresentam em seu proprio nome.

Se atacam a honra d'alguem, calumniando, sejam obrigados a repararem a offensa, publicando o desmentido tão profusamente como a calumnia, durante mezes, em todos os jornaes da provincia ou do districto, e affixando cartazes nas praças publicas.

Se o calumniador não poder custear as despezas de tamanha publicidade, justo é que o obriguem a trabalhos, d'onde colha os meios de satisfazel-as.

A questão é diversa para as composições periodicas, quê se dirigem a um limitado numero de leitores.

(Não vêmos bem as differenças).

Formam ellas uma tribuna, uma instituição publica: para que se possa estabelecer uma eschola, uma pharmacia, um hospital, um theatro é precisa uma licença. Para que se podesse fundar ou dirigir um jornal cumpria haver um mandato popular, e não só um despacho faccioso a capricho d'uma authoridade=e *ainda*, a lei só permittirá o ser candidato a redactor a quem pela sua idade assegurasse uma certa cordura, e tivesse um comportamento irreprehensivel, e provasse um certo grau de instrucção=só possuindo essas qualidades poderia apresentar-se a *solicitar* que o elegessem redactor d'um jornal.

(Contra isto protestamos).

Revogar-se-hia o mandato, se o condemnassem como calumniador, e ser-lhe-hia restituido por nova eleição em cada periodo de dez annos.

(Aqui exagera-se Nordau, e toca na utopia)

Por esta fórma, quem representasse ideas antipathicas á maioria dos cidadãos difficilmente conseguia um mandato de redactor.

Max Nordau

(Mas o grande papel de imprensa é pelo contrario poder modificar e contrariar as ideias correntes: evitavam-se muitas infamias e muitas inepcias, mas o remedio seria dez veses peior que o mal=seria a concepção democratica da lei das rolhas, logo sophismada pela influencia dos governos e dos partidos).

M. A.

SOBRE RENAN

—

N'um dos artigos, intitulados—*Aparas da minha Loja*—que publicou na Gazeta de Portugal o Snr. Oliveira Martins, lemos a sua analyse da *Historia de Israel*, uma das ultimas publicações de Renan—que não só ahi é mal avaliado como historiador, mas tambem como philosopho e critico das religiões. Tão inexacto me pareceu o conceito do Snr. Oliveira Martins, que não duvidei contestal-o, e enviando as minhas objecções ao Snr. Antonio de Serpa, vieram estas publicadas no mesmo logar, em que appareciam as *Aparas*—(G. de P. Dezembro de 1887).

Vamos reproduzil-as e muito as accrescentaremos nos artigos, que hão de seguil-as.

I

A historia critica das religiões, a que Renan se dedicou, podia acaso tolhel-o de ser um philosopho? Em que obstavam os seus estudos predilectos a que se lhe formasse no espirito uma doutrina geral e de caracter especulativo?

As origens dos dogmas implicam com as ideias metaphisicas: e toda a religião é arte de um lado, e do outro philosophia.

Se Renan não construiu um systema racionalmente, isto é, principio sobre principio, deducção sobre deducção em passagens dos seus diversos escriptos, não deixa de ser um metaphisico, senão bem original, ao menos muito parecido a Hegel, e só divergindo no modo de conceber o que são em si as pháses da religião, do sentimento, da arte, e da sciencia, na historia.

Consiste a differença em que essas pháses para Hegel encerram a realdade absoluta em cada uma d'ellas, são transformações do ser divino: para Renan são apenas phenomenaes nos seres da natureza mas determinadas e animadas por elle, e no espirito humano são formas subjectivas do que pensam e sentem as gerações no decurso dos seculos; são modos relativos de conceber o ideal supremo, que no intimo as inspira.

Esta ideia é a luz que vae adiante do critico.

Se para Renan é falsa a antiga hypothese das duas substancias formando o homem, e a materia é uma condição necessaria do pensamento—*Ensaios de Moral e de Critica*, pag.—65—é certo, que nos diz, se praticaes o culto da moral, da belleza, e da verdade, vós não sois atheus; mas se as vossas faculdades vibram unisonas, e não produzem o grande som, Deus, falta-vos o elemento essencial e caracteristico da indole humana.

Se esse velho termo não exprime uma personalidade, como na linguagem dos simples, estes adoram debaixo d'esse nome o mesmo que todos os philosophos contemporaneos, quando fallam em moral, verdade e belleza infinitas.

O divino existe em nós, mas Renan não explica de que modo—é para elle como um fogo interior, que inflamma as creanças, as doutrinas, os systemas, que variam.

Se a verdade é relativa, ha em nós uma tendencia para o absoluto.

A natureza muda os seus phenomenos, mas as suas leis são immudaveis.

E' pois Renan muito mais que um estylista. Ha na sua grande intelligencia um fundo de convicções transcendentes, bem comprehensiveis, não reduzidas a um systema como o de Hegel, mas não muito longe da maneira intuitiva e poetica, que distingue as de Schelling.

Não é um sceptico, quem expõe essas ideias e quem clama—*existe um não sei quê no homem e na natureza*, e que é a verdade, a ordem, a moral, a realidade absoluta.

Não é um sceptico em philosophia senão como o foi Kant, que affirma não se passar das ideias para o seu objecto da razão para as coisas, do espirito para o universo, e por isso inventou a razão pratica como supplemento á philosophia subjectiva.

Preciso é não confundir as varias especies de sceptismo.

Não é tambem um sceptico na interpretação dos cultos, nem um ephemerista, nem reputa as religiões umas vãs phantasias como Voltaire.

De dizer, que Deus é o resumo das nossas aspirações supra-sensiveis, a cathegoria do ideal, não se induza, que não existe para Renan senão como uma fórma abstracta, a que não corresponde nada de real fóra do nosso espirito—Deus é que existe e tudo tem uma existencia propria—eis o que redargue áquella supposição, mal formada, o illustre auctor da *Historia de Israel*.

Na natureza, e na historia, diz nos elle, vejo melhor o divino do que nas fórmas abstractas de uma theodicea artificial, e d'uma ontologia sem relação com os factos—o absoluto da justiça e da razão não se manifesta fóra da humanidade—o infinito não existe, ou melhor, não affirma para nós a sua existencia senão sob uma forma limitada nas suas encarnações diversas: Deus vae sendo, e as fórmas que reveste, são o objecto da verdadeira theologia, da sciencia do mundo e da humanidade, da geral evolução, que vae dar ao culto da arte e da poesia.

Não se conclua d'aqui, que não seja uma substancia ou uma força. Se para nós existe, e se realiza na natureza, nas suas leis, nos seres, na intelligencia, no saber, e sobre tudo na historia—se a humanidade na expressão imaginosa de que o grande escriptor se serve, urde com o divino a trama da existencia, como a aranha fia a sua rede—preciso é que Deus seja uma entidade de qualquer modo considerada.

Se nos ficam vagas, mysteriosas ou inexplicaveis as suas relações com essas mesmas fórmas em que se manifesta, é o que podemos extranhar a Renan, como a todos os philosophos que abordam esse problema, mas não podemos attribuir-lhe a ideia de que Deus é uma pura fórma do nosso espirito sem existencia effectiva, ou sem verdade

Nega um Deus pessoal, mas não um Deus impessoal—a segunda d'estas theorias não é falsa no seu conceito, só não é discutivel com solidez, porque encerra uma questão, que ninguem resolve.

Desde que se crê no espirito, na liberdade, crê-se em Deus—amal-o é amar o bem, o bello, o verdadeiro—é religioso o homem que em tudo sente o divino.

O problema da causa superior excede-nos, mas traduz-se em epopeias, que são as religiões de todos os povos. Haverá no espirito allemão uma ideia mais elevada dos cultos, da poesia e da arte?

Renan não é um Hegel—mas se ao espirito francez repugnam essas abstracções excessivas, e em parte imaginarias, que nos veem d'além do Rheno, não duvidemos de que o atormenta a necessidade de explicar os mesmos problemas.

Até na linguistica, Burnouff, Champollion, Oppert, Lenormant; e outros, e proprio auctor da *Historia de Israel*, o attestam, e com isto os não exaltamos além do seu merito, somos apenas justos.

O livro da *Vida de Jesus*, além da critica é d'uma poesia sublime: o estylo de Renan não é só delicado e attrabente, é tambem vigoroso, sente-se repassado de intenções superiores e geniaes, é mais poetico, que os livros historicos de Michelet, de cujas mãos eu não creio que sahira aquelle mais exellente.

Ssrá um sceptico em religião o que nos diz—todas as proposições applicadas á divindade são impertinentes.—Exceptua-se uma só, e é esta—existe.

Será um pessimista aquelle para quem não importa a recompensa, visto que as obras ou a vida são tão bellas, que encerram em si mesmas as promessas infinitas?

«A marcha do mundo é cheia de trevas, mas ella caminha para Deus»- não é um pessimista quem assim crê no progresso.

Não é um moralista o que ensina -«o dever é o que importa a nós todos, resolve as duvidas do dest no humano—graças a esta revelação inequivoca affirmemos que é immortal aquelle cujos actos bons entram no triumpho definitivo da justiça?»

Ha um crédo na sua doutrina não é um mero diletante do estylo, um amador de effeitos litterarios, é mais alguma coisa como vêmos.

Não é um *burguez sem os altos dons da intelligencia, com um escasso criteirio*», não é um sceptico, não é um indifferente.

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

NA FOIHA D'UM ROMANCE

—

Moldada ao bem nasci, mas debil planta
Verguei do vicio ao sopro pestilento,
D'entre o vicio, porém minha alma ardente
Castos hymnos a Deus saudosa canta.

Ah! se um mentido affecto amor levanta
N'um pobre coração inexperiente,
D'elles a culpa é toda! uma innocente
Não consulta a razão, razões supplanta

Cahi, verguei, Senhor! já pervertida
Graças, beijos vendi, vendi belleza
Triste commercio de mulher perdida.

Oh! mas, Deus do amor! foi só fraqueza:
De impias mãos me arrancai, tirae-me a vida
Alcance-me o perdão, mortal tristeza!

João de Deus.

FOLHETIM

O PECCININO

OU

O Bandido Nobre

POR

GEORGE SAND

Logo que minha mãe entrou em via de restabelecimento, fui pagar ao medico; porém, em sua casa, como na pharmacia do bairro, não me acceitaram dinheiro. A's minhas perguntas respondiam, conforme estavam ensinados, que uma secreta sociedade de pessoas ricas e piedosas os indemnizava de seus trabalhos e despezas.

XVI

Continuação da Historia de Magnani

Meu cerebro começava a trabalhar, diz Magnani, proseguindo a sua narrativa. A' medida que o desgosto, que me subjugára, dava vez á alegria, o que houve de romanesco na minha aventura me occorria á memoria com seus menores detalhes, revestidos d'um encanto fascinador.

A voz meiga, a estatura elegante, os movimentos distinctos d'esta mulher representavam-se deante de meus olhos. Um anel que trazia de certo feitio chamou-me a attenção, quando ella observava o pulso de minha pobre agonisante.

Eu nunca tinha visto o interior do palacio Palmarosa, onde não era consentida a entrada aos extranhos ou curiosos da circumvizinhança, o que é permittido em quasi todas as antigas casas de nossos conterraneos.

A princeza lá tem vivido retirada, ou por assim dizer, escondida desde a morte de seu pai, não recebendo quasi ninguem, sahindo só á noite e raras vezes.

Foi-me preciso, pois, espreitar e procurar occasião para a vêr de perto, porque eu queria vel-a com os olhos que mais tarde havia de ter para ella.

Até ahi não tinha nunca desejado ver-lhe as feições e, ha dez annos, ella tem apparecido tão pouco, que raras serão as pessoas do bairro, a reconhecerlhas. Quando sahia de carro, desciam-se as cortinas, e quando ia á igreja, um veo preto lhe cobria o rosto. Chegou a ponto de dizer-se entre nós que, depois de ter sido muito formosa, lhe viera uma lepra, tornando-a tão horrenda, que fugia de ser vista.

Tudo isto não passava d'um boato infundado, de que meu pai e outros operarios, empregados no palacio, se riam, e asseveravam não ter a princeza soffrido alteração alguma em sua phisionomia. Mas estes ditos contraditorios não deixavam de me impressionar, e ao meu desejo de vêr esta mulher, se misturava um não sei que terror, que insensivelmente me preparava para a loucura de me enamorar d'ella.

Uma particularidade augmentava ainda a minha ardente angustia. Meu pai, que ia muitas vezes ao palacio ajudar, como simples operario, o mestre das tapecerias, a levantal as e a dispôl-as novamente, recusava me o consentimento de o acompahar para lá, quando era costume de eu ir com elle para qualquer outra parte. Desculpou-se muitas vezes com pretextos que eu acceitava sem exame; mas, logo que senti um interesse forte em penetrar n'este santuario, viu-se obrigado a confessar-me que a princeza não gostava de vêr mancebos em sua casa, e que o director da tapeceria os dispensava delicadamente, quando para lá era chamado.

Esta bizarra restricção mais me inflamou.

Uma manhã, peguei resolutamente do martello, do avental e entrei no palacio Palmarosa, com um genuflexorio coberto de veludo, que meu pai vinha de acabar no atelier do mestre.

Eu sabia que era destinado á senhora Agatha: não consultei ninguem; peguei d'elle e parti.

Vai isto ha cinco annos, Miguell O palacio que vês hoje tão brilhante, todo aberto e animado, era, ainda, ha um mez, o mesmo que na epocha do que hei contado, o que já fôra cinco annos, depois que era livre e orphão, o que voltará talvez a ser manhã. Era um tumulo onde parecia estar sepultada em vida.

Todas as riquezas aqui hoje ostentadas estavam escondidas nas sombras, como reliquias n'uma caverna funebre. Dois ou tres criados, tristes e silenciosas, percorriam, com surdos passos, as longas galerias, fechadas aos raios do sol e ao ar exterior.

Por toda a parte, cortinas descidas deante de janellas, portas ferrugentas em seus gonzos, não gyrando, um ar d'abandono solemne; estatuas, que se erguiam na sombra, similhando espectros, retratos de familia, seguindo-nos com a vista, com aparencia desconfiada: tive medo, e comtudo andei sempre. A casa não tinha porteiro, como esperava. Como sentinellas invisiveis tinha a sua reputação de tristeza inhospitaleira, e o terror de sua propria solidão. Eu tinha a audacia insensata de meus vinte annos, a temeridade funesta d'um coração enamorado prematuramente, correndo para a sua desgraça.

Por um acaso, proprio da fatalidade, não fui interrogado de pessoa alguma. Os poucos serviçaes d'esta casa lugubre não me viram, ou não se lembraram de me impedir a entrada, encarregando-se talvez d'isso algum cerbéro mais intimo da dona, que devia guardar a porta de seus aposentos, e que por milagre se não achava em seu posto.

Guiava-me o instincto ou o destino. Atravessei muitas salas, ergui reposteiros, pesados e cobertos de pò; transpuz a ultima porta aberta e achei-me n'uma sala ricamente adornada e deante de mim estava um quadro com um grande retrato d'homem.

Parei.

Este retrato fez-me percorrer as veias um tremor gelado.

Eu reconheci-o pela descripção que meu pai d'elle me havia feito; porque o original custeava ainda então as historias e ditos de nosso povo, muito mais que as singularidades da princeza.

A photographia era de Diogenes Palmarosa, pai da princeza Agatha, e devo fallar-te d'este homem terrivel, Miguel; porque talvez não tenhas ainda ouvido o seu nome n'esta região, onde só com horror e pronunciado.

Reparo tambem que devia ter-te fallado d'este personagem ha mais tempo; porque o odio e terror que inspira a sua memoria haver-te iam illucidado um pouco sobre a desconfiança e mesmo aversão, com que sua filha, apesar de todas as virtudes, ainda leva o desgosto a certas familias de nossa classe.

(Continua).

Clara de Miranda